

O Brexit não protegerá a Grã-Bretanha do horror de uma UE desintegradora

O Leave ganhou porque demasiados eleitores britânicos identificaram a UE com autoritarismo, irracionalidade e desprezo pela democracia parlamentar, enquanto muito poucos acreditavam naqueles de nós que afirmavam que outra UE era possível.

Fiz campanha a favor de uma votação radical que refletisse os valores do nosso Movimento Democracia na Europa pan-europeu (DiEM25). Visitei cidades em Inglaterra, no País de Gales, na Escócia e na Irlanda do Norte, procurando convencer os progressistas de que a dissolução da UE não era a solução. Defendi que a sua desintegração iria desencadear forças deflacionárias do tipo que, previsivelmente, apertariam os parafusos da austeridade em todo o lado e acabariam por favorecer o establishment e os seus ajudantes xenófobos. Juntamente com John McDonnell, Caroline Lucas, Owen Jones, Paul Mason e outros, defendi uma estratégia de permanecer na ordem e nas instituições europeias, mas contra a ordem e as instituições estabelecidas. Contra nós estava uma aliança de David Cameron (cujo fudge de Bruxelas lembrava aos britânicos o que desprezam na UE), o Tesouro (e a sua ridícula pseudo-econometria assustadora), a City (cuja insuportável arrogância egocêntrica afastou milhões de eleitores da UE), Bruxelas (aplicando ocupadamente à periferia europeia o seu mais recente tratamento de “waterboarding” fiscal), O ministro das Finanças alemão, Wolfgang Schäuble (cujas ameaças contra os eleitores britânicos galvanizaram o sentimento anti-germânico), o lamentável governo socialista francês, Hillary Clinton e seus atlantistas (retratando a UE como parte de outra perigosa “coalizão de voluntários”) e o governo grego (cuja permanente rendição à austeridade punitiva da UE tornou

tão difícil convencer a classe trabalhadora britânica de que seus direitos estavam protegidos por Bruxelas).

As repercussões da votação serão terríveis, embora não aquelas para as quais Cameron e Bruxelas tinham alertado. Os mercados se estabelecerão em breve, e as negociações provavelmente levarão a algo como uma solução norueguesa que permita ao próximo parlamento britânico traçar um caminho para um acordo mutuamente acordado. Schäuble e Bruxelas apertarão e assoprarão, mas, inevitavelmente, buscarão um acordo com Londres. Os conservadores permanecerão unidos, como sempre fazem, guiados por seu poderoso instinto de interesse de classe. No entanto, apesar da relativa tranquilidade que se seguirá ao choque atual, forças insidiosas serão ativadas sob a superfície com uma terrível capacidade de causar danos à Europa e à Grã-Bretanha.

A Itália, a Finlândia, a Espanha, a França e, certamente, a Grécia são insustentáveis ao abrigo das atuais disposições. A arquitetura do euro é uma garantia de estagnação e está a aprofundar a espiral deflacionista da dívida que reforça a direita xenófoba. Os populistas em Itália e na Finlândia, possivelmente em França, exigirão referendos ou outras formas de desvinculação.

O único homem com um plano é o Ministro das Finanças da Alemanha. Schäuble reconhece, no pós-Brexit, temer a sua grande oportunidade de implementar uma união de austeridade permanente. Segundo o seu plano, aos Estados da zona euro serão oferecidas algumas cenouras e um garrote enorme. As cenouras virão sob a forma de um pequeno orçamento da zona euro para cobrir, em parte, os subsídios de desemprego e o seguro de depósitos bancários. O garrote será um veto aos orçamentos nacionais.

Se eu estiver tiver com a razão, e o Brexit conduz à construção de uma jaula de ferro austera permanente para os restantes Estados-Membros da UE, há dois resultados possíveis:

Um é que a jaula se manterá, caso em que a austeridade institucionalizada exportará deflação para a Grã-Bretanha, mas também para a China (cuja maior desestabilização terá efeitos negativos secundários na Grã-Bretanha e na UE).

Outra possibilidade é que a gaiola seja violada (por exemplo, pela saída da Itália ou da Finlândia), resultando na própria saída da Alemanha da zona euro em colapso. Mas isto transformará a nova zona do marco alemão, que provavelmente terminará na fronteira ucraniana, num enorme motor de deflação (uma vez que a nova moeda passa pelo telhado e as fábricas alemãs perdem mercados internacionais). A Grã-Bretanha e a China tinham de se preparar melhor para uma onda de choque de deflação ainda maior neste cenário.

O horror destes desenvolvimentos, dos quais a Grã-Bretanha não pode ser protegida pelo Brexit, é a principal razão pela qual eu e outros membros da DiEM25 tentámos salvar a UE do estabelecimento que está a conduzir o europeísmo à falência. Duvido muito que, apesar do seu pânico no rescaldo do Brexit, os líderes da UE aprendam a lição. Continuarão a estrangular as vozes que apelam à democratização da UE e continuarão a governar através do medo. Será de admirar que muitos britânicos progressistas tenham virado as costas a esta UE?

Embora continue convencido de que a licença foi a escolha errada, saúdo a determinação do povo britânico em combater a diminuição da soberania democrática causada pelo défice democrático na UE. E recuso-me a ficar deprimido, embora me considere o lado perdedor do referendo.

A partir de hoje, os democratas britânicos e europeus devem aproveitar esta votação para confrontar o establishment de Londres e Bruxelas com mais força do que antes. A desintegração da UE está agora a decorrer a toda a velocidade. Construir pontes por toda a Europa, unir democratas através das fronteiras e dos partidos políticos, é o que a Europa precisa mais do que nunca para evitar um deslize para um

abismo xenófobo, deflacionário e semelhante ao dos anos 30.

Original: The Guardian